

# A ATENUAÇÃO E OS ATENUADORES: ESTRATÉGIAS E TÁTICAS/ *THE ATTENUATION AND THE ATTENUATORS: STRATEGIES AND TACTICS*

*Antonio Briz\**

Versão para o português:

*Luiz Antônio da Silva\*\**, *Adriana Marcelle de Andrade\*\*\**  
*Ramiro Carlos Humberto Caggiano Blanco\*\*\*\**

**Resumo:** Este trabalho se inscreve em um projeto de pesquisa (ES.POR.ATENUAÇÃO) que busca analisar e explicar a atividade atenuadora em diferentes variedades regionais do espanhol e do português, com o fim de realizar, posteriormente, diferentes estudos contrastivos intralinguísticos e interlinguísticos. Neste artigo, pretendemos explicar alguns dos princípios teóricos e metodológicos nos quais se sustenta a análise qualitativa e quantitativa. E, principalmente, iremos referir-nos ao conceito de atenuação (Briz 1995, 2002, 2003, 2005, 2007a, 2012).

**Palavras-chave:** atenuação; cortesia; modalização; impessoalização; interculturalidade

---

\* Catedrático de Língua Espanhola da Universidad de Valencia, Espanha; email: [briz@uv.es](mailto:briz@uv.es)

\*\* Professor da Universidade de São Paulo; [luizs@usp.br](mailto:luizs@usp.br)

\*\*\*Doutoranda na Universidade de São Paulo.

\*\*\*\* Mestrando na Universidade de São Paulo.

**Abstract:** This work is inscribed in a research project (ES.POR.ATENUAÇÃO) that seeks to analyze and explain the attenuator activity in different regional varieties of Spanish and Portuguese, in order to perform, subsequently, different contrastive intralinguistic and interlinguistic studies. In this article, we explain some of the theoretical and methodological principles on which are based the qualitative and quantitative analysis. And especially, we will refer to the concept of attenuation (Briz 1995, 2002, 2003, 2005, 2007a, 2012).

**Keywords:** Attenuation; Courtesy; Modality; Impersonal; Interculturalism.

## Introdução

Este artigo<sup>1</sup> inscreve-se no projeto de pesquisa *ES.POR.ATENUAÇÃO*, do qual fazem parte vários grupos ou pesquisadores das seguintes regiões: Espanha (Valência, Granada, Las Palmas, Valladolid); México (Monterrey); Argentina (Buenos Aires, Tucumán); Chile (Santiago); Uruguai (Montevideu); Costa Rica (San José); Porto Rico (San Juan); Cuba (Havana); Colômbia (Barranquilla, Medellín); Brasil (São Paulo, Recife); Portugal (Porto, Coimbra, Lisboa, Braga); Venezuela (Mérida).

Para um projeto como o mencionado, que cobre várias zonas, duas línguas e do qual participam muitos pesquisadores diferentes, é necessário partir de uma definição comum de atenuação e conciliar, a partir desta, os diferentes modos e enfoques empregados por tais pesquisadores, até o momento, em seus estudos particulares. Além de propor a citada definição, exporemos o princípio explicativo de situação e de eficácia conversacional que lhe dá suporte, a partir do qual, como veremos, é possível reconhecer quando há ou não atenuação, ou se uma expressão é ou não atenuadora.

---

<sup>1</sup> *La atenuación y los atenuadores: estrategias y tácticas (ES.POR.ATENUACIÓN)* é o título original do artigo, escrito, inicialmente, para ser apresentado no Congresso *Cortesía*, realizado em Lisboa nos dias 6 e 7 de setembro de 2012. Este texto contém as bases de um amplo projeto que tem por finalidade estudar o tema da *atenuação* no âmbito do espanhol e do português.

Nos últimos tempos, a atenuação (*hedging, hedges, mitigação*) vem recebendo significativa atenção a partir da Pragmática Interacional<sup>2</sup> ou, especificamente, das pesquisas aplicadas a certos âmbitos ou gêneros discursivos, especialmente, os de tipo acadêmico e científico<sup>3</sup>. Os trabalhos e referências dedicados ao tema por parte dos analistas da cortesia são cada vez mais numerosos, embora, neste caso, parece que a atenuação e a cortesia são consideradas um mesmo conceito<sup>4</sup>. Para os pesquisadores que tratam deste último tema, a atenuação é considerada um modo de expressão da cortesia, e, especialmente, uma estratégia de mitigação e reparação dos atos ameaçadores da imagem alheia e da própria; em outras palavras, a atenuação é entendida assim como o lado linguístico da manifestação da cortesia. Nesse sentido, se ser atenuado fosse ser cortês, não ser cortês significaria descortesia, o que é, evidentemente, falso.

Contudo, o conceito de atenuação na linguagem acadêmica, efetivamente, parte da ideia de proteger a imagem do pesquisador, escritor ou falante, de modo que a função cortês aparece, caso apareça, somente como algo acrescido (quando se discute a opinião de outro pesquisador, por exemplo). Em outras palavras, para estes, a atenuação apenas parece ser considerada uma atividade do falante e, para aqueles, somente uma expressão de cortesia, isto é, uma questão de ouvinte e falante.

Sem dúvida, a cortesia constitui um princípio explicativo da atenuação, mas não é o único. A atenuação linguística relaciona-se sempre com a eficácia e com a atividade argumentativa (cf. ESTELLÉS, 2010), provavelmente com a imagem em geral, mas nem sempre com a cortesia. Quando se apresenta um

---

<sup>2</sup> Ver, entre outros, Briz (1998), Kerbrat-Orecchioni (2005).

<sup>3</sup> Podem ser consultados, efetivamente, para o seu estudo no discurso científico, entre outros: Myers (1989), Hyland (1996), Markkanen e Schröder (eds.) (1997), Mendiluce e Hernández (2003), Morales, Cassany e González (2007); sobre a necessidade de manifestar a atenuação para ganhar em eficácia e efetividade: Fortanet, Palmer e Postiguillo (2001). Ver também para o estudo da atenuação em artigos de pesquisa, Ferrari (2010) e Morales (2010).

<sup>4</sup> Lakoff (1973); Brown e Levinson (1978[1987]); Leech (1983); Fraser (1980 e 1990); Haverkate (1994 e 2004); Briz (1995), (1998) e (2005); Bravo (2001), (2002) e Bravo (ed.) (2005); Hernández Flores (2002) e (2004); Fant e Granato (2002), Spencer-Oatey (2003); Kerbrat-Orecchioni (2004); Albelda (2004); Álvarez (2005), Álvarez e Joven Best (2005); Bernal (2005); Rodríguez Alfano (ed.) (2009), entre outros. No âmbito hispânico, N. Hernández Flores (2004, p. 100), indica que “a cortesia aparece com muita frequência como atenuadora em situações de risco para a imagem, ou seja, uma espécie de ‘remédio’ de conflitos na comunicação”.

resumo de um trabalho para que seja aceito em um congresso e se atenua o título (*Uma aproximação a, Esboço, Reflexões para o estudo...*) e os objetivos (*pretendemos abordar na medida do possível...*) estamos atenuando, com o fim, por exemplo, de que aceitem a nossa participação no evento, mas, nesse caso, não somos corteses ou o somos devido a alguma particularidade. Somos corteses, entretanto, quando minimizamos as possíveis discrepâncias com outras propostas (*não concordamos exatamente com...*).

Certamente, alguns estudos da cortesia parecem asseverar que a atividade cortês não pode estar direcionada a si mesmo (HERNÁNDEZ FLORES, 2004, p. 98, n. 3), mas não em outros casos em que, inclusive, fala-se de *autocortesia*, esquecendo-se de que a cortesia é sempre um fenômeno de dois.

## 1 Conceito de atenuação

A atenuação<sup>5</sup> é uma atividade argumentativa (retórica) e estratégica de minimização da força ilocutória e do papel dos participantes na enunciação, para conseguir chegar-se com sucesso à meta prevista e que é utilizada em contextos situacionais, com menor caráter imediato ou que requerem ou se deseja que apresentem menos imediatez comunicativa. Assim, em alguns casos, haverá atenuação de falante e, portanto, a estratégia será de autoproteção:

### Exemplo 1

Me eligieron a mí REINA de las fiestas de mi pueblo// yo era muy guapita  
Mamá mamá/ me he hecho un rotito en el pantalón  
Juan no vendrá/ bueno/**yo no es que lo sepa seguro.**

Em outros, haverá atenuação de falante e ouvinte e, portanto, frequentemente cortesia:

---

<sup>5</sup> Sobre o conceito e definição de atenuação, com uma perspectiva mais linguística, ver Fraser (1980 e 1990), Meyer-Hermann (1988), Haverkate (1994), Briz (1995, 1998, 2005 e 2007), Ducrot (1995), Ruiz Gurillo e Pons (1995), Ferrer e Sánchez Lanza (1998), Caffi (1999 e 2007), Sbisá (2001), Kerbrat-Orecchioni (2004); Álvarez (2005), Douglas de Sirgo (2007), Cestero (2010), Albelda e Cestero (2011), Samper Hernández (2011).

## Exemplo 2

Es que eres un **poquito** bestia

**Deberías** ir al médico

**Siento darte la paliza a estas horas** / pero **es que** necesito que me traigas los apuntes de lengua del martes

Entendemos que são estas as palavras-chave ou suas chaves conceituais: *categoría pragmática, estratégia, atividade retórica, atividade social, cortesia, minoração, distanciamento linguístico (e aproximação social), debilitação argumentativa, táticas de relativização e impessoalização, contextos com menor carácter imediato* (existentes ou construídos no decorrer do contato social).

A atenuação é uma *categoría pragmática*, um mecanismo estratégico e tático (portanto, intencional), que se relaciona à efetividade e à eficácia do discurso, ao alcance dos objetivos na interação, além de se tratar de uma função só determinável a partir do contexto.

É uma *estratégia*, uma vez que se atenua, argumentativamente falando, para conseguir o acordo ou a aceitação do outro (inclusive, quando seja esta apenas uma aceitação social). Logo, é um *mecanismo retórico* para convencer, conseguir um benefício, persuadir e, ao mesmo tempo, para cuidar das relações interpessoais e sociais ou evitar que estas sofram algum tipo de menoscabo. Mais concretamente, a mencionada estratégia consiste linguisticamente em *diminuir, minimizar, mitigar, debilitar* a ação e a intenção ou o efeito que estas possam ter ou ter tido na interação, debilitação argumentativa, portanto, e em tal estratégia estão envolvidos os falantes, os ouvintes e, inclusive, terceiros (presentes ou ausentes).

## Exemplo 3

H: **oye papi/ es que quería** ir al cine esta tarde **porque** hay una peli que el profesor de literatura nos ha dicho que vamos a comentar en clase/ pero no tengo un clavo // dame **algo** de pasta / te juro que el sábado ya no...

Em (3), a ação e a intenção são uma petição, e a meta é conseguir ter seu pedido atendido, ou, metaforicamente falando, o filho quer 'dar o bote' em seu pai, objetivo que aquele tenta conseguir mediante a estratégia atenuadora e toda uma série de táticas de minimização: expressões carinhosas, movimentos de justificação, quantificadores, estruturas suspensas, distanciamento do objetivo (ir ao cinema não é minha vontade, mas sim a do professor, etc.)

Conforme tínhamos dito, a atenuação afeta as relações interpessoais e, assim, além da atividade linguística, participa de uma *atividade social*. Efetivamente, a atenuação é um mecanismo estratégico de *distanciamento linguístico da mensagem* e, por sua vez, de *aproximação social*: linguisticamente, atenuação significa distância; socialmente, atenuação significa aproximação. O locutor mitiga ou debilita a força ilocutória, de tal maneira que consegue, assim, distanciar-se de sua mensagem para se aproximar (social e afetivamente) ou não se afastar extremamente do interlocutor ou de terceiros. Certamente, um indivíduo é *atenuadamente* cortês para aproximar-se ou não se afastar extremamente do outro e assim conseguir o objetivo, chegar com sucesso à meta, uma meta local (obter algo em um momento dado) ou global (conseguir o acordo ou minimizar o desacordo).

Em particular, com tal abrandamento, conseguem-se diversos graus de *distanciamento da mensagem*, ora mediante a *relativização*, ora através da *impessoalização*, que são, de forma abstrata, as *táticas* empregadas para atenuar. Estas últimas são realizadas mediante diferentes recursos verbais e não verbais, como notaremos a seguir e como já vimos em (3).

## 2 Funções ou estratégias gerais de atenuação

De acordo com as análises realizadas, a partir de conversações coloquiais e entrevistas semiformais (BRIZ, 2007 e BRIZ, 2012), três são as funções atenuadoras: *autoproteção*, *prevenção* e *reparação*.

### 2.1 Autoproteção

Trata-se de uma estratégia para “velar por si mesmo”, isto é, para salvaguardar o “eu” (locutor), isto é, buscar não responsabilizar-se ou minorar as responsabilidades ou, ainda, ser politicamente correto no momento de falar de certos temas, de certas pessoas ou de certas instituições, etc. Vincula-se ao papel do “eu” e, portanto, a unidades monologais, que afetam o que é dito e a intenção do próprio falante: *atenuação de falante*. É, assim, um mecanismo *autocêntrico* (FANT; GRANATO, 2002) ou uma atividade de imagem de falante, segundo N. Hernández Flores (2004).

Serve, efetivamente, para autoprotoger-se do que é dito ou não dito, feito ou não feito, como em (4):

#### Exemplo 4

(*Situação*: na rua, um jornalista se dirige ao entrevistado e lhe pergunta sobre as touradas. Na Espanha é antiga a polêmica que enfrentam os favoráveis e os contrários às touradas, reforçada pela proibição recente desta prática na Catalunha)

J: ¿qué opinión tiene sobre la prohibición de los toros?

E: *yo- bueno hay gente a quien le gusta y a quien no/ entonces lo de prohibir puede que sea una medida quizás excesiva*

A mudança de planos com o movimento de reformulação argumentativa, que despersonaliza (‘não sou eu, mas sim “os outros” que vão opinar’), o uso de perífrases e do advérbio de dúvida (possibilidade) são as táticas empregadas neste exemplo para “não comprometer-se”, “ficar em cima do muro” ou precaver-se<sup>6</sup>.

## 2.2 Prevenção

Trata-se de uma estratégia para prevenir possíveis danos à imagem ou, ainda, problemas causados pela intromissão ou invasão do território ou espaço do outro. É um modo de evitar tensões e conflitos (portanto, salvaguardar o locutor (“eu”) e o interlocutor (“tu”)). Nesta estratégia, o atenuador adquire, frequentemente, um valor cortês. Note-se o trabalho preventivo em (5) e (6):

#### Exemplo 5

S: **No es que yo lo sepa seguro/ pero parece** que Tina se casa porque se ha quedado embarazada/ **no sé/ bueno** eso es lo que **dicen** por **ahí**

#### Exemplo 6

Te **veo gordita**. Estáis un **poquito** distraídos. **Podrías** dejarme los apuntes. **Deberías** ir al médico

Em outras palavras, trata-se de utilizar-se de meios para que não surja um problema com o interlocutor e assim conseguir-se a meta prevista.

---

<sup>6</sup> Nota dos tradutores: No original, “*curarse en salud*”, é um provérbio popular que se refere não só a precaver-se, mas também evitar um ato ou situação que possa ser incômodo ou prejudicial.

## 2.3 Reparação

Trata-se de reparar<sup>7</sup> uma ameaça à imagem do outro ou uma intromissão no território do interlocutor. Neste caso, salvaguarda tanto o locutor (“eu) quanto o interlocutor (“tu”), assim como no caso anterior, explicável, frequentemente, por cortesia.

Se foi produzido já um dano ou um problema nas relações interpessoais, o mesmo falante que o produziu ou o interlocutor reparam esse dano por meio da atenuação. Assim, em (7), a intromissão de C (C1) no território de A e o aborrecimento manifestado por ele em sua segunda intervenção (A2) desencadeiam as intervenções agora atenuadas (C2 e C3):

Exemplo 7

(*Situação*: Amigos, homens, menores de 25, nível sociocultural: A, alto; B, C e D, médio; interação no campo, enquanto comem. O interlocutor A comprou um computador *Apple*]

A1: un Maquintos§

C1: § ¿y por qué no te has comprado un- un Pecé!?

A2: ¡coño! cállate ya! hombre/ porque es el único que conozco

C2: pero ese **no es el mejor**

((...))

C3: **vamos!** [yo es que todo el mundo=]

A3: [no/ pero da lo mismo]

C: = que conozco se compra Pecé/ **no está tan caro**

[BRIZ e grupo Val.Es.Co., 2002: H.38.A.1, p. 70-71, linhas 803-807 e 814-816]

## 3 As táticas ou recursos linguísticos (verbais e não verbais) de atenuação

Há duas grandes táticas atenuadoras que englobam múltiplos recursos verbais e não verbais: *despessoalização (ocultação)* e *relativização*<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Ver a distinção em Bernal (2005) entre cortesia estratégica atenuadora e cortesia estratégica reparadora, que parece vincular a atenuação apenas à prevenção.

<sup>8</sup> Cp. C. Fuentes (2009), quando se refere à expressão da reserva enunciativa.



### 3.1 Despessoalização (ocultação)

O distanciamento atenuador é conseguido graças à despessoalização dos participantes da enunciação, do “eu”, do “tu” ou de terceiras pessoas afetadas na interação, evitando, assim, a responsabilidade sobre o que é dito ou feito: “te/me oculto ou protejo, te/me disfarço ou acoberto”. São recursos linguísticos de despessoalização:

a) Formas Impessoais Gramaticais: *se*, *uno*, *nosotros* como plural de modéstia, ou *tú* impessoal.

Exemplo 8

Es que nunca sabes qué hacer! que haces esto/malo! que hace aquello/ también mal

b) Expressões de generalização: *todo el mundo*, *según dicen...*

c) Construções que escondem o agente da ação: nominalizações (“El análisis de los datos” no lugar de “Analicé los datos...”), passivas sem agente explícito ou passiva sintética (embora, provavelmente, no espanhol da Espanha ocorra mais a ativa).

d) Construções nominais com adjetivo relacional, que se distanciam eufemisticamente de algum termo que se deseje evitar: *imigrantes irregulares* (em lugar de “imigrantes ilegais”), *assistente sexual* (“prostituta”), *presión fiscal* (em vez de “aumento de imposto”), etc.

### 3.2 Relativização ou indeterminação do que se expressa

Neste caso, debilita-se ou minora-se a força argumentativa com relação à verdade ou à certeza do enunciado, ao grau de conhecimento ou ao compromisso do falante. Seguramente tudo é disfarçado. Expressão de dúvida, de possibilidade, de incerteza são táticas que subtraem responsabilidade, que previnem ou que reparam, são escudos autoprotetores quando não também protetores do outro. São recursos relativizadores:

a) Certos verbos performativos que expressam valores modais epistêmicos e, inclusive, de evidência (*no saber -no sé-*, *parecer*, *pensar*, *creer -yo creo o creo yo*).

Exemplo 9

Yo **pienso** que tampoco me he portado **tan** mal  
Yo **creo** que no vamos bien porque tú no quieres  
El día ventiuunoo **me imagino** que vendréis animar y hacer fotografías

b) Modificações de verbos performativos nas *formas temporais* ou *modais*: uso do futuro do pretérito, do imperfeito de indicativo ou do subjuntivo: *querría, quisiera, quería* em lugar de *quiero*):

Exemplo 10a

**Quisiera-querría** que **vinierais** a mis bodas de plata

Exemplo 10b

**Quiero** que vengáis a mis bodas de plata

Exemplo 10c

*Venid* a mi boda

Exemplo 11a

Te **recomendaría** que no fueras

Exemplo 11b

No vayas

c) Marcadores discursivos: modalizadores, como *en mi opinión, al parecer, en principio, quizás, a lo mejor, seguramente...* e controladores de contacto: *oye, mira, hombre, mujer* (e outras formas apelativas, como chamar pelo nome do interlocutor quando, por exemplo, algo lhe é solicitado ou quando ocorre uma certa desconformidade), *¿eh?, ¿no?*<sup>9</sup>

Exemplo 12

**A decir verdad** / no me había dado cuenta  
**En mi opinión** / deberías ir

---

<sup>9</sup> Para o estudo da atenuação e os marcadores discursivos, ver Fraser (1999), Pons (2003), Briz (2006), Briz (2011), Briz e Estellés (2010), Montolío (2006) e Fant (2007). Pode-se consultar *on line* ([www.dpde.es](http://www.dpde.es)) o *Diccionario de Partículas Discursivas del Español*, coordenado por Briz, Pons e Portolés (2008), um projeto em curso financiado atualmente pela Fundação Comillas.

Yo creo que- **no sé** que tienes actos muy- muy liberales  
**A lo mejor** / tienes razón  
**Oye ven**

d) Estruturas causais explicativas ou justificativas, temporais, condicionais, concessivas (caso muito frequente na conversação dos movimentos concessivo-opositivos, *bueno, pero...* com um prelúdio concessivo que dá a razão para retirá-la depois<sup>10</sup>).

Exemplo 13

**Sé que no tienes tiempo** / pero me gustaría decirte una cosa  
**Siento darte la paliza a estas horas** / pero es que necesito que me traigas los apuntes de lengua del martes  
**No quiero molestar** / pero lo que tengo que decir es importante  
**Bueno /tienes razón/** pero a mí no me parece tan mal

e) Alguns movimentos de reformulação (iniciados com frequência com marcadores discursivos, que em tais contextos adquirem valor atenuador):

Exemplo 14

Estás gorda **o sea te sobra algún milito**  
Te equivocas **bueno no tienes del todo razón**

f) Construções indiretas, incluídas as construções suspensas ou truncadas que esquivam ou elidem a conclusão:

Exemplo 15

¿Tú tendrás/ tabaco rubio/ por ahí por casualidad?  
De haberlo sabido...  
Yo estudiar estudio / luego que apruebe o no...

g) Recursos intraproposicionais, como:  
- uso do diminutivo:

Exemplo 16

Estáis distraídillos

---

<sup>10</sup> Ver a análise detalhada de D. Holmlander (2011, p. 167-248) sobre o movimento concessivo-opositivo do tipo *tienes razón, pero*, assim como o trabalho sobre a partícula discursiva *no (no/tienes razón)* de Briz (2006).

- quantificadores e partículas difusoras ou que se aproximam do significado: *más o menos, aproximadamente, como, en algunos casos, poco*:

Exemplo 17

Está **como** muy lejos”

Es **más o menos** por ahí

- formas dêiticas: *ahí* (“la calle esa está por *ahí*”), *allí, así, algo así, y eso*, cujo significado vago, dada a sua extensão significativa, evita, às vezes, responsabilidades pelo que se expressa<sup>11</sup>.

- eufemismos, fenômenos de litote:

Exemplo 18

**No está bien** lo que hacéis (no lugar de “Está mal”).

#### 4 O princípio situacional

Por *variação pragmática* entendemos as mudanças que, em virtude da *situação*, podem sofrer, na interação, os *registros* ou estilos de comunicação, assim como os modos de realização destes, que são os *gêneros discursivos*, e, assim, toda a *atividade estratégica* (BRIZ, 2012, p. 90 e ss.). E entendemos por *situação*, segundo a proposta Val.Es.Co. (BRIZ, coord., 1995, p. 25 e ss; BRIZ e grupo Val.Es.Co., 2002; BRIZ, 2010 e 2012), um feixe de traços vinculados:

- a) *quanto maior ou menor relação de igualdade social ou funcional* entre os interlocutores que participam da interação (estratos sociais e papéis);
- b) *quanto maior ou menor relação vivencial de proximidade* (saberes compartilhados, aproximação interpessoal) entre os interlocutores;
- c) *marco ou espaço interacional, quanto mais ou menos cotidiano*;
- d) *quanto maior ou menor cotidianidade temática* do evento comunicativo;
- e) *e finalidade da interação, quanto mais ou menos interpessoal*.

---

<sup>11</sup> L. Fant (2007) fala de modificação do acerto formulativo por aproximação ou por generalização. Concretamente, Álvarez (2005) refere-se também ao uso atenuado de alguns destes elementos dêiticos na fala venezuelana.

Por sua vez, com maior ou menor presença destes traços, associam-se, respectivamente a:

- f) um grau maior ou menor de planejamento em andamento;
- g) um tom mais ou menos informal.

Em outras palavras, segundo a proposta Val.Es.Co., cabe distinguir entre *situações de maior ou menor coloquialidade e situações de maior ou menor formalidade* (ver entre a *constelação comunicativa +/-coloquial e a +/-formal*, no que se refere à nossa proposta, LÓPEZ SERENA, 2007, ou, nas palavras de OESTERREICHER, 1996; e KOCH e OESTERREICHER, 1990, *situações de mais ou menos imediatez comunicativa*). Assim, há consequências sobre todo o mapa diafásico: nos gêneros discursivos, mais ou menos orais ou mais ou menos escritos, no sentido conceitual destes<sup>12</sup>. E, certamente, tudo isso afeta a atividade estratégica: a função e a forma pragmáticas dependem da variação diafásica ou situacional. Isto é, os traços situacionais e os registros e gêneros que estes favorecem entram em correlação com uma série de fatos linguísticos, também no caso da atenuação: *quanto maior a coloquialidade, em princípio, menor a atividade atenuadora*. Certamente, em situações de maior imediatez comunicativa, distendem-se as relações interpessoais e, com isso, as atividades que zelam pela própria imagem e pela imagem do outro.

E, do mesmo modo, uma *situação de menor imediatez* ou, o que é o mesmo, de mais formalidade supõe, em princípio, uma *menor tensão* (não só *linguística*, mas também pragmática e social), isto é, +controle maior do que é produzido e, em consequência, uma maior frequência das estratégias e táticas de atenuação, (um maior tratamento de distância) (ver algumas análises empíricas que demonstram as correlações anteriores em ALBELDA, 2004, BRIZ, 2007, ALBELDA, 2010).

Poucos entenderiam na Espanha um ato de petição como *por favor, si no te molesta, podrías pasarme el pan*, durante um jantar de amigos íntimos; tanta atenuação poderia conduzir a um fracasso conversacional que provocaria, no mínimo, risos. A razão é óbvia: em um contexto de máxima coloquialidade, de máxima aproximação social, é inadequado o excesso de atenuação cortês. Só seria explicável, estrategicamente, se o que se procura é criar realmente

---

<sup>12</sup> Ver as referências anteriores aos trabalhos de Koch e Oesterreicher.

+distância, por exemplo, após um problema na interação. De outro modo, geralmente, aproxima-se socialmente do outro quando há distância com este ou quando os fins desejados são igualmente distantes.

Tais escalas formam um *continuum* gradual e dinâmico, no sentido de que os traços podem mudar inclusive na mesma interação. Uma relação de mais proximidade, pode, por momentos, diminuir gradualmente; uma conversação pode ser, em certo momento, menos dinâmica, menos dialogal, etc., sendo assim menos conversacional e, por momentos, inclusive, pode estar mais próxima de outro gênero. E isso alterará, certamente, as estratégias e táticas linguísticas empregadas, também no caso que nos ocupa de atenuação.

## 5 O reconhecimento da atividade atenuadora

Mesmo que haja acordo quanto ao conceito de atenuação, nem sempre há coincidências no reconhecimento do aspecto atenuador de um elemento, assim uma forma pode tanto ser atenuadora para um investigador como não ser para outro.

Como fenômeno pragmático, a atenuação é também um fenômeno contextual, de modo que, para controlar o processo de reconhecimento, será necessário estabelecer de início aquelas situações que favorecem o seu emprego, seja o *contexto geral* ou o que chamamos de *contexto interativo concreto* no qual se realiza a suposta atividade atenuadora, o que se consegue a partir dos diferentes parâmetros que serão expostos a seguir.

### 5.1 Contextos comunicativos

Seguindo com a correlação anterior, a atenuação aparece em maior grau quando o tom é mais formal e, ao mesmo tempo, quando o discurso é *mais planejado*. E, do mesmo modo, quando o *fim é (mais) transacional*.

Os gêneros formais (por exemplo, acadêmico-profissionais: conferências, apresentações em congressos, artigos de pesquisa) apresentam, estatisticamente, maior presença dessa estratégia atenuadora. Assim, a entrevista semidirigida (de acordo com as análises de ALBELDA, 2004, 2010 e 2012) ou os gêneros escritos acadêmicos e, em geral, o discurso científico, usam atenuação, especialmente, como salvaguarda do “eu”.

E, certamente, também os tipos de textos se associam não só à frequência, como também ao uso de um ou de outro tipo de atenuação. Em textos argumentativos e polêmicos, seriam colocadas em jogo todas as funções e, seguramente, a maioria das táticas, em contraste com os textos de caráter narrativo ou descritivo, nos quais serão menores as ocorrências de atenuadores.

#### Exemplo 19

B: tío// **yo no te quiero agobiar** perooo/ **me gustaría** que me dijeras lo que te pasa

A: **es que** NO/ es/ soy **YO y-y-y/ soy YO y-y /** no quiero meterte

B: pero yo quiero que me metas...

A: **mira no lo sé/ cre- es que** no no no- **es que** ya no estoy seguro de nada

B: pero ¿de qué? ¿de lo de salir conmigo?

A: no lo sé

B: pero ¿lo quieres dejar?

A: **NO QUIERO DEJARLO// PERO/ RECONÓCELO/ NO VAMOS BIEN**

B: **yo creo** que no vamos bien porque tú no quieres

A: PERO// porque- porque yo no quiero/ bah// mira

B: **no sé/ ¿yo he hecho algo mal? estás- es por algo que yo**

A: **NO/ si-** yo sé que el problema soy yo

Entretanto, em geral, o grau de atenuação deveria ser mais acentuado também no discurso escrito do que no discurso oral. Em princípio, parece que se atenua mais quando se escreve, devido à menor imediatez existente (neste caso também espaço-temporal), do que quando se fala (certamente, há mais imediatez e atualidade entre falante e ouvinte que entre escritor e leitor). De qualquer maneira, parece (e é uma impressão) que as palavras soam mais duras no discurso escrito do que no oral e, a partir disso, entende-se que se pode apresentar normalmente mais zelo no uso da estratégia atenuadora ao escrever do que ao falar, inclusive, com amigos e conhecidos. A comunicação eletrônica entre jovens é uma exceção, ainda que tal fato seja explicável pelo fato de que o *meio* é gráfico, mas a *concepção* está no âmbito da oralidade<sup>13</sup>

Se o tópico anterior é verdadeiro – e parece que o é, sob a luz de algumas análises, ainda escassas –, a consequência ou generalização que se obtém é óbvia: o

---

<sup>13</sup> Para o tratamento ampliado da distinção de Oesterreicher (1996) entre “meio” e “concepção” no discurso escrito e no falado, ver López Serena (2007).

Nota dos Tradutores: para o estudo da língua portuguesa, consultar o artigo Usos da linguagem verbal, publicado por Hudinilson Urbano em: PRETI, Dino (Org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006, p.19-55.

componente autocêntrico ou alocêntrico da atenuação, e a funcionalidade e as táticas em ambos os tipos dependem da variação diafásica ou situacional (dos registros e dos formatos em que se manifestam, que são os gêneros). Logo, deverá ser dedicada especial atenção às correlações situação-função e à forma da atenuação.

Seguramente, à variação situacional se acrescenta a variação sociolinguística: o *sexo*, a *idade* e o *nível sociocultural*, já que estes fatores podem incidir no uso e frequência da atenuação e, ao mesmo tempo, na função de tal atividade atenuadora, como existem análises que assim o demonstram (ALBELDA; CESTERO, 2011; GARCÍA, 1993 e 2002; BOLÍVAR, 2002; MADFES, 2004; HOLMLANDER, 2008 e 2011).

E, para a análise contrastiva, *as diferentes sociedades e culturas* são, igualmente, determinantes. Existem culturas que tendem à aproximação em maior ou menor grau, como a espanhola peninsular; e outras que tendem ao distanciamento, em maior ou menor grau, como a inglesa, o que explicaria o maior uso de atenuação nestas do que naquelas, e o que nos permitiria entender as notáveis diferenças no emprego e frequência desta estratégia na Espanha, escassa, e na América Hispânica, abundante (BRIZ, 2007, 2010; FERRER; LANZA, 1998; PUGA, 1997). Efetivamente, a Espanha apresenta a cultura de máxima aproximação e solidariedade, de máxima imediatez (coloquialidade) social e discursiva e, assim, de menos atenuação (HAVERKATE, 2004; BRIZ, 2004, 2005, 2007; ALBELDA, 2004, BERNAL, 2005). Mas este feito sociopragmático é outro objetivo, outra conferência (que, creio, já apresentei aqui) e outro projeto<sup>14</sup>.

Não obstante, esses conceitos, como também outros aqui tratados, não são estáticos, mas estão, de acordo com a nossa proposta, em contínuo movimento: por exemplo, em uma conversação coloquial, protótipo do discurso de aproximação social ou interpessoal, há momentos de distanciamento e, na conversação formal, protótipo do distanciamento, há momentos de aproximação.

A variação, neste sentido, é gradual, relativa e, como não podia ser de outro modo, dinâmica. Por isso, juntamente com o contexto geral que favorece a atenuação, é necessário considerar, para o seu reconhecimento preciso e fiável, o *contexto interativo concreto* no qual se produz.

Como temos demonstrado, os fatores situacionais são a nossa vara de medir pragmaticamente a atenuação, de reconhecê-la, além de serem fundamen-

---

<sup>14</sup> Cp. Matsumoto (1989), Wierzbicka (1991 e 1992), Sifianou (1992), Bravo (1996 e 1999), Kerbrat-Orecchioni (1994 e 2004, p. 50), Haverkate (2004) e Travis (2006).



tais no momento de explicar as nossas análises e de estabelecer correlações entre: situação, feito linguístico e estratégia. Mas a novidade mais importante consiste no tratamento dinâmico dos traços situacionais, como será explicado em seguida.

## 5.2 Contexto interativo concreto

É necessário tentar obter uma identificação confiável de quando um mecanismo funciona como atenuador.

Em (20), o interlocutor A produz uma afirmação, olhando para o céu que começa a ficar nublado:

Exemplo 20

A: **puede** que llueva

O verbo *poder* atua como atenuador? Se o verbo modal *poder* indica simplesmente que existe essa possibilidade, supõe-se, portanto, uma mera modificação semântica, portanto não se trata de um atenuador (observar a diferença unicamente na escala da certeza com *Va a llover*, *Seguro que llueve*). Se a possibilidade transforma-se em um modo de distanciar-se do que é dito para minimizar a rejeição, que é uma interpretação possível, por exemplo, dentro de um contexto interativo de resposta a uma intervenção anterior de oferecimento ou convite, como mostram (21) e (22), então adquire um valor atenuador:

Exemplo 21

B1: te espero a las cinco en casa ¿eh?

A: **puede** que llueva

B2: ¿acaso no quieres venir?

Ante o oferecimento de B1, a intervenção de A pode ser interpretada como justificação da possível recusa, assim, uma ação atenuada (também, pela elisão da conclusão “*No iré*”). Do mesmo modo, a intervenção reativa-iniciativa de B2 (*¿acaso no quieres venir?*), ajuda-nos a interpretar a intervenção A1 no mesmo sentido.

Em um contexto compartilhado pelos interlocutores no sentido de que certo Juan não é uma pessoa querida nem apreciada pelo grupo de amigos que

vai a um evento, o ato de (22) é uma declaração com dúvida fingida, que já não é dúvida, a não ser atenuação autoprotetora do eu-falante, que evita assim a responsabilidade sobre o que é dito:

Exemplo 22

[Juan não é pessoa querida no grupo de amigos]

Viene Juan a la fiesta/(**bueno**) **creo**

A reformulação e a posição final de *creo* nos ajudarão também na decisão de considerar a forma *creo* como atenuador, como um marcador discursivo.

E o que dissemos da estratégia atenuadora serve também para as táticas. Um diminutivo pode servir como tática de atenuação, mas, nem sempre, todo sufixo qualificativo atenua. Assim, em (23):

Exemplo 23

Me he comprado um **perrito**

Se o diminutivo afetar somente o significado da base léxica, isto é, se referir-se à compra de um cão pequeno, o sufixo qualificativo “diminui” semanticamente, mas não atenua. O valor atenuador não pode estabelecer-se a partir do ato de fala em que se integra o sufixo, mas a partir de um contexto, por exemplo, como o seguinte: quem comprou o cachorro não tinha a aprovação da pessoa com quem divide a casa onde mora; em tal caso, o diminutivo adquire um valor pragmático atenuador; concretamente, minimizador dos possíveis efeitos negativos que possa produzir no outro a sua atuação (vale destacar, além disso, que o cachorro pode ser um São Bernardo).

### 5.3 Contexto interacional concreto

Ao falar de *contexto interacional concreto* nos referimos ao momento ou aos momentos pontuais de fala em uma interação que afetam, favorecem ou chegam a determinar os usos e estratégias linguísticos. Este conceito pode permitir-nos explicar que uma situação geral de imediatez comunicativa possibilita, em um momento dado, passar a ser menos imediata ou que, ao contrário, uma situação de não imediatez pode ter momentos de maior imediatez. A noção de *contexto interacional concreto* dinamiza, portanto, o conceito mais geral de situação de comunicação e explica a atividade linguística em uma contextualização seriada, contexto preciso a contexto preciso.

Com relação a nosso objetivo de estudo da atividade atenuadora, entendemos por *contexto interacional concreto* a combinação dos seguintes segmentos: o membro do discurso afetado por atenuação, o membro do discurso causador ou desencadeador, a expressão atenuadora concreta e, nesse caso, o efeito que produz.

Em toda atenuação, pois, intervêm três partes: o segmento *desencadeador*, o que favorece ou provoca a atenuação; o elemento ou segmento *atenuador*, o que atenua, e o segmento *atenuado*, o que se atenua. E como atividade estratégica pode ter importância também o efeito que produz.

O elemento causador ou desencadeador pode ser um ato (ou algo dentro deste) ou a intervenção de um mesmo falante (inícios ou reações), pode ser provocado por outra intervenção (reação sempre, portanto) ou, ainda, pelo contexto compartilhado não explícito. Inclusive, o que favorece o uso da atenuação pode estar relacionado tanto com este contexto não explícito, por exemplo, com determinadas convenções culturais, como com a interação propriamente que está sendo produzida (assim, a minimização de uma aprovação a si mesmo é produto de ambos os causadores ou desencadeadores, do fator sociocultural e da própria interação). Nos exemplos de 24 a 28, serão marcados pelo sublinhado.

O elemento ou segmento atenuador, isto é, o recurso de atenuação será marcado nos exemplos 24 a 28 com **negrito**.

O elemento ou segmento atenuado refere-se à ação ou intenção que convém atenuar. Em algumas ocasiões, o segmento atenuado coincide com o segmento causador ou desencadeador. Nos exemplos 24 a 28, o elemento ou segmento atenuado será marcado com *itálico*.

Notemos o contexto interativo concreto da atividade atenuadora em alguns intercâmbios. Em (24), uma afirmação (intervenção reativa) do falante B, que se vê excessivamente comprometido (segmento causador e atenuado), atenua-se mediante o movimento reformulador (segmento atenuador) na intervenção deste mesmo falante:

#### Exemplo 24

A: vendrán Luis y Ana a la fiesta

B: Con ellos te lo pasas- **bueno te lo puedes pasar muy bien**

[Elem. causador e atenuado] [Elem. atenuador]

Em (25), uma afirmação (intervenção iniciativa), a modo de crítica, censura, com relação aos interlocutores pela sua escassa participação na conversação, mitiga-se através do regulador fático-apelativo *¿eh?*:

Exemplo 25

A: *habláis poco ¿eh?*

[Elem. causador e atenuado] [Elem. atenuador]

C: ¿para qué?

E em (26), uma afirmação de A, com a qual B não está de acordo, leva à atenuação do desacordo de B (a diferença com relação a 24 é que, neste exemplo, a reformulação é dialogal, ou seja, é produzida na intervenção de um falante, B, que corrige o que foi dito por outro falante, A):

Exemplo 26

A: *con ellos te lo pasas* [causador]

B: **bueno**/ *te lo puedes pasar muy bien*

[Elem. atenuador] [Elem. atenuado]

E em (27) e em (28), o causador ou desencadeador é o contexto compartilhado prévio:

Exemplo 27

(Juan não é pessoa querida no grupo de amigos)

[situação prévia causadora]

*Viene Juan a la fiesta*(**bueno**) **creo**

[Elem. atenuado] [Elem. atenuador]

Exemplo 28

(Não há acordo entre o casal sobre ter um cachorro em casa)

[situação prévia causadora]

*He he comprado un perrito*

[Elem. atenuado] [Elem. atenuador]

Reconhecidas as partes que constituem o padrão interativo em cada caso, são marcados os limites não só funcionais, como também estruturais (formais) para o fenômeno da atenuação e, exatamente, fornece-se ao analista um critério, em nossa opinião, mais sólido para o seu reconhecimento.

Igualmente, determinados o membro do discurso atenuado e a expressão atenuadora, pode-se dar conta da posição desta com respeito àquele. O interesse de observar a posição reside na possível correlação entre posição e função (como

o caso do valor atenuador de alguns marcadores discursivos e sua posição discursiva, ver BRIZ; ESTELLÉS, 2010; e BRIZ, 2011).

Contudo, falar da posição que ocupa um atenuador nos possibilitará a categorização dos atenuadores em virtude de que se efetivamente constituem:

- uma unidade discursiva dependente: “Yo creo que te equivocas/ *no sé*”: aqui a partícula discursiva *no sé* é um modificador modalizador da ação principal.
- ou independente (no caso de um ato de atenuação): “Me voy/*es que tengo prisa*”; “Tu vecina se ha separado *bueno eso dicen en el bar*”; “¿*Tienes tabaco?*”. Em tais exemplos, *Es que tengo prisa* e *bueno eso dicen, ¿Tienes tabaco?* são ações: um ato de justificação, no primeiro exemplo; um ato de reformulação, no segundo, e uma petição indireta, no terceiro.
- ou se são meras partes de outras (ou seja, seriam atenuadores que fazem parte do que é dito, da estrutura proposicional, que não têm contorno melódico próprio ou, o que é o mesmo, aparecem integrados em tal proposição: “Estáis *un poquito* distraídos”).

Trata-se de observar, portanto, como se apresenta, na construção, o atenuador no discurso, o tipo de unidade que representa (através do que foi mencionado, já é possível verificar que existem modificadores atenuadores de um ato e atos propriamente de atenuação), seu grau de integração na proposição, o grau de especialização de alguns atenuadores (por exemplo, de alguns marcadores discursivos; ver BRIZ; ESTELLÉS, 2010; e BRIZ, 2011).

Contemplar dinamicamente o processo situacional e interacional nos permitirá explicar com relativa facilidade as mudanças de estratégias no uso da atenuação, de maior ou menor atenuação, em virtude dos movimentos dos traços situacionais. Por exemplo, ainda que a situação geral de uma interação seja de +imediatez comunicativa, podem ocorrer fatos que afetem a proximidade dos interlocutores e, em tais momentos, construa-se ou se tente construir um pouco mais de distância com o uso da atividade atenuadora. Não invalidará a correlação geral mantida até aqui de *quanto maior a coloquialidade ou imediatez, menor atenuação*, pois, inclusive em uma conversação de máxima coloquialidade e, portanto, de aproximação social, pode haver momentos de distância e de movimentos no uso da estratégia atenuadora. Dessa forma, a correlação continua

sendo válida, ainda que vinculada a um contexto interativo mais preciso e concreto que possibilita distância e favorece a presença da atenuação: quanto menor coloquialidade ou imediatez comunicativa (em um contexto interativo concreto dentro de uma mesma conversação), maior atenuação.

## Considerações Finais

Um dos problemas mais graves da análise do discurso é a falta de limites funcionais e formais. Aqui, há uma contribuição para estabelecer os limites da atividade atenuadora, tanto teóricos como metodológicos, sobretudo, pensando em apresentar um modelo comum de análise aos investigadores (um projeto que tem como finalidade o estudo da atenuação nas distintas normas regionais do espanhol e do português) e favorecer, mais tarde, estudos contrastivos intra e interlinguísticos, tanto a partir do ponto de vista sociolinguístico quanto pragmalinguístico.

Recordemos que a atenuação, como categoria pragmática, é uma estratégia de distanciamento da mensagem, o que faz com que o locutor não se responsabilize por uma parte ou por tudo o que é dito ou feito, isto é, que o grau de certeza que imprime o seu compromisso com essa verdade seja menor; tudo isso para “prevenir”, “curar” ou “autoprotoger-se”. Então, a atenuação é uma atividade estratégica interacional argumentativa, de mitigação, minoração ou debilitação da força das ações; uma atividade interacional, com a finalidade de evitar tensões e conflitos; uma atividade social, de aproximação do outro ou para não se afastar extremamente deste. Com tais atividades, pretende-se ser efetivo e eficaz, isto é, conseguir os fins previstos ou, como dizíamos, conseguir o acordo ou aceitação do outro (ainda que apenas seja uma aceitação social).

A mencionada atividade é favorecida por contextos de não imediatez ou de distância discursiva favorecidos pela situação em geral da interação ou pelo contexto interacional concreto dentro desta. Logo, é preciso, para o reconhecimento e explicação da atividade atenuadora, identificar o que a provoca (desencadeador ou causador, esteja *explícito* ou *implícito*); qual o membro do discurso afetado (atenuado) e qual meio ou meios empregados (atenuador), bem como o efeito que, às vezes, produz.

A partir do ponto de vista formal, o atenuador pode não constituir unidade e aparecer integrado em uma estrutura proposicional que pode ser um ato de

atenuação independente ou pode constituir uma unidade discursiva dentro de outra, em cujo caso pode ocupar diferentes posições (inicial, intermediária e final), e, neste sentido, pode ter maior ou menor mobilidade.

Tudo o que foi mencionado anteriormente, como dizíamos, demarca certos limites funcionais e formais ao conceito de atenuação, o que ajuda o seu reconhecimento mais seguro e fiável, assim como a sua descrição e explicação.

Notem a resposta do pai ao filho do exemplo (29) à intervenção de P:

Exemplo 29

H: **oye papi/ es que quería** ir al cine esta tarde **porque** hay una peli que el profesor de literatura nos ha dicho que vamos a comentar en clase/ pero no tengo un clavo // dame **algo** de pasta / te juro que el sábado ya no...

P: **te lo daría** / pero **hijo es que** va a venir el de la lavadora y no sé si tendré bastante para pagarle

H: vale vale / es igual

Observem-se os recursos de atenuação. Trata-se das mesmas estratégias atenuadoras para rejeitar o pedido.

Conversar é ganhar. Usando algumas postulações de Sebastià Bonilla, a conversação é como um jogo. Todos jogam para ganhar (ainda que seja só para ganhar amigos, isso que se denominou fim socializante). E, se o fim é ganhar, é preciso fazer alguma “pequena trapaça”. Não é em vão que os atenuadores constituem essas “pequenas trapaças”. Por acaso, dizer a alguém *es que estás un poquito imbécil* não é fazer uma espécie de trapaça?

Assim, é a conversação e quem mais ganha é quem manipula adequadamente as estratégias e as táticas atenuadoras.

**Sistema de transcrição Val.Es.Co.** (Extraído de BRIZ e Grupo Val.Es.Co., 2002, p. 28-38)

Os signos fundamentais do sistema Val.Es.Co. são os seguintes:

- : Mudança de voz.
- A: Intervenção de um interlocutor identificado como A.
- ?: Interlocutor não reconhecido.
- § Sucessão imediata, sem pausa notável, entre duas emissões de diferentes interlocutores.
- = Sustentação do turno de um participante em um solapamento.

- [ Lugar em que se inicia um solapamento ou superposição.  
] Final da fala simultânea.  
- Reinícios e autointerrupções sem pausa.  
/ Pausa curta, inferior a meio segundo.  
// Pausa entre meio segundo e um segundo.  
/// Pausa de um segundo ou mais.  
(5") Silêncio (lapso ou intervalo) de 5 segundos; indica-se o nº de segundos nas pausas de mais de um segundo, quando for especialmente significativo.  
↑ Entonação ascendente.  
↓ Entonação descendente.  
→ Entonação mantida ou suspensa.  
Cou Os nomes próprios, apelidos, siglas e marcas, exceto as transformadas em “palavras-marca” de uso geral, aparecem com a letra inicial maiúscula.  
PESADO Pronúncia marcada ou enfática (duas ou mais letras maiúsculas).  
pe sa do Pronúncia silabada.  
( ( ) ) Fragmento indecifrável.  
((siempre)) Transcrição duvidosa.  
(...)) Interrupções da gravação ou da transcrição.



interpretação de determinadas palavras (a correspondência estrangeira da palavra transcrita no texto de acordo com a pronúncia real, siglas, marcas, etc.), enunciados ou sequências do texto (p. ex., os irônicos), de algumas onomatopeias, etc.

Marcas à direita: Cortes conversacionais.

\* As incorreções gramaticais (fônicas, morfossintáticas e léxicas) não aparecem marcadas em geral. Portanto, segundo o usuário do corpus (p. ex., se este é utilizado por un estudante de español como segunda lengua), puede ser recomendable el soporte explicativo del profesor utilizado por um estudante de espanhol como segunda língua), pode ser recomendável o suporte explicativo do professor.

\* Os antropônimos e topônimos não se correspondem em geral com os reais.

## Referências

ADAM, J. M. Types de séquences textuelles élémentaires. *Pratiques*, 56, p. 54-79, 1987.

ALBELDA, M. Los actos de refuerzo de la imagen. In: *Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE, La perspectiva no etnocentrista de la cortesía, identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes*. Universidad de Estocolmo, Departamento de español, portugués y estudios latinoamericanos, p. 298-305, 2003.

\_\_\_\_\_. Cortesía en diferentes situaciones comunicativas, la conversación coloquial y la entrevista sociológica semiformal. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. (eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso en cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 109-134.

\_\_\_\_\_. *La intensificación como categoría pragmática*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.

ALBELDA, M. Influence of situational factors in the codification and interpretation of impoliteness. *Pragmatics*, 18:4, p. 751-773, 2008.

\_\_\_\_\_. ¿Cómo se reconoce la atenuación? Una aproximación metodológica basada en el español peninsular hablado. In: ORLETTI, F.; MARIOTTINI, L. (eds.). *(Des)cortesía en español: Espacios teóricos y metodológicos para su estudio*. Roma-Estocolmo: Università degli Studi Roma Tre; EDICE, 2010. p. 47-70.

\_\_\_\_\_. Variación sociolingüística en las estrategias de atenuación del corpus PRESEEA-VALENCIA del sociolecto alto. In: CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA MARTOS, I.; PAREDES GARCÍA, F. (eds.), *La lengua, lugar de*

*encuentro. Actas del XVI Congreso Internacional de la Alfal* (Alcalá de Henares, 6-9 de junho de 2011). Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2012. p. 1857-1866.

\_\_\_\_\_.; CESTERO, A.M. De nuevo, sobre los procedimientos de atenuación lingüística. *Español Actual*, 96, p. 121-155, 2011.

ALCAIDE, E. La descortesía (también) vende: acercamiento al estudio de estrategias descorteses en el discurso publicitario. In: ORLETTI, F.; MARIOTTINI, L. (eds.), *(Des)cortesía en español. Espacios teóricos y metodológicos para su estudio*. Roma: Università degli Studi Roma Tre y Prgrama EDICE, 2010.

ÁLVAREZ, A. Huellas de la cortesía, las reparaciones en el habla de Mérida, *Delta*, 18, 2, p. 173-202, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cortesía y descortesía*. Mérida: Universidad de los Andes, 2005.

\_\_\_\_\_.; BLONDET, M. A. ‘Si lo hubieras pedido de otra forma’, estudio de la variabilidad melódica en frases corteses. In: HERRERA, E.; MARTÍN BUTRAGUEÑO, P. (eds.). *La tonía, dimensiones fonéticas y fonológicas*. México: El Colegio de México, 2003.

ÁLVAREZ, A.; JOVEN BEST, C. Atenuantes y sus funciones corteses. In: BRAVO, D. (ed.). *Estudios de la (des)cortesía en español*. Buenos Aires: Dunken, 2005. p. 119-144.

AZNÁREZ MAULEÓN, M.; GONZÁLEZ RUIZ, R. (2006): “Semántica y pragmática de algunas expresiones de sinceridad en español actual”, In: CASADO VELARDE, M., GONZÁLEZ RUIZ, R.; ROMERO GUALDA, M. V. (eds.). *Actas del I Congreso Internacional “Análisis del discurso: lengua, cultura, valores”*, Vol. I. Madrid: Arco/Libros, 2006. p. 1211-1228.

BEINHAUER, W. *El español coloquial*. Madrid: Gredos, 1929/1985.

BERNAL, M. Hacia una categorización sociopragmática de la cortesía, la descortesía y la anticortesía. El caso de conversaciones españolas de registro coloquial. In: BRAVO, D. (ed.). *Estudios de la (des)cortesía en español*. Buenos Aires: Dunken, 2005.

BOLÍVAR, A. Los reclamos como actos de habla en el español de Venezuela. In: PLACENCIA, M<sup>a</sup>. E.; BRAVO, D. (eds.). *Actos de habla y cortesía en español*. Munich: Lincoln Europa, 2002. p. 37-53.

\_\_\_\_\_.; ÁLVAREZ, A. La cortesía verbal en Venezuela. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. *Pragmática socio-cultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 169-179.

BORETTI, S. H. Aspectos de la cortesía lingüística en el español coloquial de Argentina. *Oralia*, 4, p. 75-102, 2001.

BRAVO, D. *La risa en el regateo: Estudio sobre el estilo comunicativo de negociadores españoles y suecos*. Estocolmo: Institutionen för spanska och portugisiska; Stockholms Universitet, 1996.

\_\_\_\_\_. ¿Imagen positiva vs. Imagen negativa?: pragmática social y componentes del *face*. *Oralia*, 2, p.155-184, 1999.

\_\_\_\_\_. Sobre la cortesía lingüística, estratégica y conversacional en español. *Oralia*, 4, p. 299-314, 2001.

\_\_\_\_\_. (ed.). *Cortesía lingüística y comunicativa en español*. Buenos Aires: Dunken, 2005.

\_\_\_\_\_. Actos asertivos y cortesía, Imagen del rol en el discurso de académicos argentinos. In: PLACENCIA, M. E.; BRAVO, D. (eds.). *Actos de habla y cortesía en español*. Munich: Lincoln Europa, 2002. p. 141-174.

\_\_\_\_\_.; BRIZ, A. *Pragmática sociocultural: análisis del discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004.

BRIZ, A. (1995). La atenuación en la conversación coloquial. Una categoría pragmática. In: CORTÉS, L. (ed.). *El español coloquial. Actas del I Simposio sobre análisis del discurso oral*. Universidad de Almería, p. 103-122, 1995; ampliado in: BRIZ, A. (1998, cap. 4 e 6).

\_\_\_\_\_. *El español coloquial en la conversación: Esbozo de pragmagramática*. Barcelona: Ariel, 1998.

\_\_\_\_\_. A. La atenuación en una conversación polémica. In: BLAS, J. L.; CASANOVA, M.; FORTUÑO, S.; PORCAR, M. (eds.). *Estudios sobre lengua y sociedad*. Universidad Jaime I de Castellón, 2002.

\_\_\_\_\_. La estrategia atenuadora en la conversación cotidiana española. *Actas del Primer Coloquio del Programa Edice*. Universidad de Estocolmo, 2003.

\_\_\_\_\_. (2004). Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. (eds.). *Pragmática sociocultural: análisis del discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 67-93.

\_\_\_\_\_. Eficacia, imagen social e imagen de cortesía. Naturaleza de la estrategia atenuadora en la conversación coloquial española. In: BRAVO, D. (ed.). *Estudios de la (des)cortesía en español: Categorías conceptuales y aplicaciones a corpus orales y escritos*. Estocolmo-Buenos Aires: Dunken, 2005.

\_\_\_\_\_. Unidades del discurso, partículas discursivas y atenuantes. El caso de 'no/ tienes razón'. In: FALK, J.; GILLE, J.; WACHTMEISTER, F. (eds.). *Discurso, interacción e identidad: Homenaje al Profesor Lars Fant*. Estocolmo: Stockholms Universitet, 2006. p. 13-36.

\_\_\_\_\_. Para un análisis semántico, pragmático y sociopragmático de la cortesía atenuadora en España y América, *LEA*, XXIX/1, p. 5-44, 2007.

\_\_\_\_\_. El registro como centro de la variedad situacional. Esbozo de la propuesta del grupo Val.Es.Co. sobre las variedades diafásicas. In: FONTE ZARABOZO, I.; RODRÍGUEZ ALFANO, L. (coordinadoras). *Perspectivas dialógicas en estudios del lenguaje*. México: Editorial de la Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 2010.

\_\_\_\_\_. Lo discursivo de las partículas discursivas en el Diccionario de Partículas Discursivas del Español (DPDE). La atenuación como significado fundamental o uso contextual. In: ASCHENBERG, H.; LOUREDA, O. (eds.). *Marcadores del discurso: de la descripción a la definición*. Frankfurt am Main: Iberoamericana Vervuert, 2011. p. 77-108.

\_\_\_\_\_. La (no)atenuación y la (des)cortesía, lo lingüístico y lo social: ¿son pareja?. In: ESCAMILLA MORALES, J.,; HENRY VEGA, G. (Eds.). *Miradas multidisciplinares a los fenómenos de cortesía y descortesía en el mundo hispánico*. Barranquilla: Universidad del Atlántico-Programa EDICE, 2012. p. 33-75.

\_\_\_\_\_. Variación pragmática y coloquialización estratégica. El caso de algunos géneros televisivos. In: FUENTES, C. (ed.). *Estudios de pragmática variacionista*. Madrid: Arco-Libros, 2013. p. 89-125.

\_\_\_\_\_. *et al.* Un sistema de unidades para el estudio del lenguaje coloquial. *Oralia* 6, p. 7-61, 2003.

\_\_\_\_\_.; Grupo Val.Es.Co. Corpus de conversaciones coloquiales. Anejo de la Revista *Oralia*. Madrid: Arco-Libros, 2002.

**BRIZ GÓMEZ, A.; HIDALGO NAVARRO, A.** (2008). Marcadores discursivos y prosodia: observaciones sobre su papel modalizador atenuante. In: **BRIZ, A. et al (eds.): Cortesía y conversación: de lo escrito a lo oral.** Valencia: Universidad de Valencia, 2008. Programa EDICE, 390-409.

BRIZ, A.; ESTELLÉS, M. On the relationship between Attenuation, Discourse Particles and Position. In: KALTENBÖCK, G.; MIHATSCH, W.; SCHNEIDER, S. (eds.). *Studies in Pragmatics 9. New Approaches to Hedging.*, United Kingdom: Emerald Group Publishing, p. 289-304, 2010.

\_\_\_\_\_.; PONS, S.; PORTOLÉS (coords.) *Diccionario de partículas discursivas del español*, 2008. Disponível em: [www.dpde.es](http://www.dpde.es). Acesso em 20/10/2013.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness. Some Universals in Language Usage*. Cambridge University Press, 1978/1987.

CAFFI, C. On mitigation, *Journal of Pragmatics*, 31, p. 881-909, 1999.

\_\_\_\_\_. *Mitigation*. Oxford: Elsevier, 2007.

CESTERO, A. M<sup>a</sup>. Las estrategias de atenuación: estudio sociolingüístico. *Actas del IX Congreso de Lingüística General*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010.

\_\_\_\_\_.; ALBELDA, M. La atenuación lingüística como fenómeno variable. *Oralia*, 15, 2012.

CULPEPPER, J. Towards an anatomy of impoliteness, *Journal of Pragmatics*, 25, p. 349-367, 1996.

CURCÓ, C; DE FINA, A. Modo imperativo, negación y diminutivos en la expresión de la cortesía en español, el contraste entre México y España. In: PLACENCIA, M<sup>a</sup> E.; BRAVO, D. (eds.). *Actos de habla y cortesía en español*. Munich: Lincoln Europa, 2002. p. 107-140.

DOUGLAS DE SIRGO, S. *Estrategias discursivas de la atenuación en Tucumán*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, colección Tesis, 2007.

DUCROT, O. (1995). Les modificateurs déréalisants, *Journal of Pragmatics*, 24, p. 145-165, 1995.

ESTELLÉS, M. (e.p.). La expresión fónica de la cortesía en tribunales académicos. Las intervenciones en tribunales de tesis y trabajos de investigación, *Oralia*, 16, p. 81-110, 2013.

FANT, L. Regulación conversacional en la negociación, una comparación entre pautas mexicanas y peninsulares. In: KOSTCHI, T.; OESTERREICHER, W.; ZIMMERMANN, K. (eds.). *El español hablado y la cultura oral en España e Hispano-américa*. Frankfurt / Madri: Vervuert-Iberoamericana, 1996. p. 147-183.

\_\_\_\_\_. La modalización del acierto formulativo, *Revista internacional de lingüística iberoamericana*, 9, p. 39-58, 2007.

\_\_\_\_\_.; GRANATO, L. *Cortesía y gestión interrelacional: hacia un nuevo marco conceptual*. Estocolmo: SIIS, 2002.

FÉLIX-BRASDEFER, C. La mitigación en el discurso oral de mexicanos y aprendices de español como lengua extranjera. In: In: BRAVO, D.; BRIZ, A. (eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso en cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 285-299.

FERRARI, L. D. Modalidad epistémica y evidencialidad en las *conclusiones* de artículos de investigación, *Debate terminológico*, 6, p. 77-101, 2010.

FERRER, M. C.; SÁNCHEZ LANZA, C. Diálogo coloquial, la atenuación. *Oralia*, 1, p. 213-220, 1998.

FORTANET, I., PALMER, J.C.; POSTEGUILLO, S. (2001). Hedging devices in technical and academic English. In: PALMER, J.C.; POSTEGUILLO, S.; FORTANET, I. (eds.). *Discourse Analysis and Terminology in Languages for Specific Purposes*. Castellón de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, 2001. p. 241-257.

FRASER, B. Conversational mitigation. *Journal of Pragmatics*, IV, 4, p. 341-350, 1980.

\_\_\_\_\_. Perspectives on Politeness. *Journal of Pragmatics*, XIV, p. 219-236, 1990.

\_\_\_\_\_. Pragmatic Competence: The Case of Hedging. In: KALTENBÖCK, G. *et al* (eds.). *New Approaches to Hedging: Studies in Pragmatics*. Bingley: Emerald, 2010. p. 15-34.

FUENTES RODRÍGUEZ, C. La expresión de la reserva enunciativa. *Interlingüística*, 18, p. 22-37, 2009.

\_\_\_\_\_.; ALCAIDE, E. *La expresión de la modalidad en el Habla de Sevilla*. Sevilla: Ayuntamiento de Sevilla; Servicio de Publicaciones, 1996.

GARCÍA, C. Refusing an invitation, a case study of Peruvian style. *Hispanic Linguistics*, 5, p. 207-242, 1992.

\_\_\_\_\_. Making a request and responding to it. A case study of Peruvian Spanish speakers, *Journal of Pragmatics*, 19, p. 127-152, 1993.

\_\_\_\_\_. La expresión de camaradería y solidaridad: cómo los venezolanos solicitan un servicio y responden a la solicitud de un servicio. In: PLACENCIA, M<sup>a</sup>. E.; BRAVO, D. (eds.). *Actos de habla y cortesía en español*. Munich: Lincolm Europa, 2002. p. 55-88.

GOFFMAN, E. *Interactional ritual: Essays on face-to-face behavior*. New York, Doubleday, 1967.

GRICE, H.P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (eds.). *Syntax and Semantics*, vol. 3: *Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.

HAVERKATE, H. *La cortesía verbal: Estudio pragmalingüístico*. Madrid: Gredos, 1994.

HAVERKATE, H. El análisis de la cortesía comunicativa, categorización pragmalingüística de la cultura española. In: BRAVO, D; BRIZ, A. (eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso en cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 55-65.

HERNÁNDEZ FLORES, N. *La cortesía en la conversación española de familiares y amigos; la búsqueda del equilibrio entre la imagen del hablante y la imagen del destinatario*. Aalborg: Institut for Sprog og Internationale Kulturstudier, Aalborg Universitet, vol. 37, 2002.

\_\_\_\_\_. La cortesía como búsqueda del equilibrio de la imagen social. In: BRAVO, D; BRIZ, A. (eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso en cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 95-108.

HOLMLANDER, D. (2008) Atenuación con y sin cortesía. Un estudio de conversaciones interculturales entre españoles y suecos. *Actas del III Coloquio del Programa EDICE. Cortesía y conversación: de lo escrito a lo oral* (Valencia, España, 2006). Valencia/Estocolmo, 2008. Disponível em <[www.edice.org](http://www.edice.org)>. Acesso em 20/10/2013.

\_\_\_\_\_. *Estrategias de atenuación en español L1 y L2. Estudio contrastivo en hablantes españoles y suecos*. Tese de doutorado, *Études romanes de Lund* 89. Lund: Universidad de Lund, 2011.

HYLAND, K. Writing without conviction? Hedging in science research articles, *Applied Linguistics*, 17, 4, p. 433-454, 1996.

KALTENBÖCK, W. M.; SCHNEIDER, S. (eds.). *Studies in Pragmatics 9. New Approaches to Hedging*. United Kingdom: Emerald Group Publishing, 2010.

- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Le discours en interaction*. Paris: Armand Colin, 2005.
- KOSTCHI, T.; OESTERREICHER, W.; ZIMMERMANN, K. (eds.). *El español hablado y la cultura oral en España e Hispanoamérica*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 1996.
- LAKOFF, R. The logic of politeness: or, minding your p's and q's. In: *Papers from the Regional Meeting*. Chicago Linguistic Society, IX, p. 292-305, 1973.
- LEECH, G. *Principles of pragmatics*. London: Longman, 1983.
- LÓPEZ SERENA, A. El concepto de 'español coloquial': vacilación terminológica e indefinición del objeto de estudio. *Oralia*, 10, p. 167-191, 2007.
- MADFES, I. (2004). Autonomía y afiliación. El rol de los marcadores conversacionales como 'índices' de género. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. (eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso en cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 323-339.
- MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. (eds.). *Hedging and Discourse Approaches to the Analysis of a Pragmatic Phenomenon in Academic Texts*. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.
- MÁRQUEZ, R. Estrategias de cortesía en el español hablado en Montevideo. In: PLACENCIA, M<sup>a</sup> E.; BRAVO, D. (eds.). *Actos de habla y cortesía en español*. Munich: Lincolm Europa, 2002. p. 89-106.
- MATSUMOTO, Y. Politeness an conversational universals: observations from Japanese. *Multilingua*, 8, p. 207-221, 1989.
- MENDILUCE, G.; HERNÁNDEZ, A. I. Zigzagueando en medicina: el artículo biomédico en inglés y español. In: GARCÍA PEINADO, M. A.; ORTEGA ARJONILLA, E. (eds.). *Panorama actual de la investigación traducción e interpretación*. Granada: Atrio, 2003.
- MEYER-HERMANN, R. Atenuación e intensificación: análisis pragmático de sus formas y funciones en español hablado. *Anuario de Estudios Filológicos*, XI, p. 275-290, 1988.
- MONTES GIRALDO, J. J. Sobre el *como* de atenuación. *Boletín de Filología*, Santiago de Chile, vol. 31, p. 667-675, 1980-1981.
- MONTOLÍO, E. Es una buen periodista, en principio. Sobre el operador discursivo *en principio* y su función modalizadora en el discurso periodístico. *Español Actual*, 79, p. 45-58, 2003.



\_\_\_\_\_. (2006). *Por ahora/de momento/por el momento es un tipo encantador*. Operadores de debilitamiento argumentativo de origen temporal. In: FALK, J.; GILLE, J. & WACHTMEISTER, F. (eds.). *Discurso, interacción e identidad: Homenaje al Profesor Lars Fant*. Stockholms Universitet, 2006. p. 81-107.

MORALES, O. *Los géneros escritos de la Odontología hispanoamericana*. Tese de doutorado, inédita: Universidad Pompeu Fabra, 2010.

\_\_\_\_\_.; CASSANY, D.; GONZÁLEZ, C. La atenuación en artículos de revisión odontológicos publicados en español entre 1994 y 2004: estudio exploratorio. *Ibérica*, 13, p. 33-58, 2007.

MORENO BENÍTEZ, D. *La dimensión argumentativa de los adjetivos relacionales*. Tese de doutorado, inédita: Universidad de Sevilla, 2010.

MYERS, G. Pragmatic politeness in scientific articles. *Applied Linguistics*, 10, p. 1-35, 1989.

MYRE JØRGENSEN, A. (2009). *En plan* used as a hedge in Spanish Teenage Language. In: STENSTRÖM, A. B.; MYRE JØRGENSEN, A. (eds.). *Youngspeak in a multilingual perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 95-11.

OESTERREICHER, W. (1996). *Lo hablado en lo escrito: reflexiones metodológicas y aproximación a una tipología*. In: KOSTCHI, T.; OESTERREICHER, W.; ZIMMERMANN, K. (eds.). *El español hablado y la cultura oral en España e Hispano-américa*. Frankfurt / Madri: Vervuert-Iberoamericana, 1996. p. 317-340.

ORLETTI, F.; MARIOTTINI, L. (eds.). *(Des)cortesía en español: espacios teóricos y metodológicos para su estudio*. Roma: Università Roma Tre; Programa EDICE, 2010.

PLACENCIA, M<sup>a</sup> E. Politeness in Ecuadorian Spanish, *Multilingua*, 15,1, p. 13-34., 1996.

\_\_\_\_\_.; BRAVO, D. (ed.). Actos de habla y cortesía en español. In: *Lincom Studies in Pragmatics*, 05. Munich: Lincom Europa, 2002.

PONS BORDERÍA, S. (2003). From agreement to stressing and hedging: Spanish *bueno* and *claro*. In: HELD, G. (ed.). *Partiken und höflichkeit*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2003. p. 219-236.

PUGA LARRAÍN, J. *La atenuación en el castellano de Chile: un estudio pragmalingüístico*. Valencia: Universitat de València, 1997.

RODRÍGUEZ ALFANO, L. (coord.). *La (des)cortesía y la imagen social en México. Estudios semiótico-discursivos desde varios enfoques analíticos*. Nuevo León, México, FFyL, UANL-Programa EDICE, 2009.

RUIZ GURILLO, L.; PONS, S. Escalas morfológicas o escalas argumentativas. *Español Actual*, 64, p. 53-74, 1995.

SAMPER HERNÁNDEZ, M. Estrategias de atenuación en el español de Las Palmas de Gran Canaria. Comunicación presentada en *XVI Congreso Internacional de la Alfal* (Alcalá de Henares, p. 6-9 de junio de 2011).

SBISÁ, M. Illocutionary force and degrees of strength in language use. *Journal of Pragmatics*, 33, p. 1791-1814, 2001.

SCHRADER-KNIFFKI, M. (ed.). *La cortesía en el mundo hispánico*. Frankfurt am Main: Iberoamericana Vervuert, 2006.

SIFIANOU, M. *Politeness. Phenomena in England and Greece. A Cross-Cultural Perspective*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

SPENCER-OATEY, H. Developing a Framework for Non-Ethnocentric Politeness Research. *Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE: La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: Identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes*. Universidad de Estocolmo: Departamento de español, portugués y estudios latinoamericanos, p. 98-108, 2003.

TRAVIS, C. E. The communicative realization of confianza and calor humano in Colombia Spanish. In: GODDARD, C. (ed.). *Ethnopragmatics. Understanding Discourse in Culture Context*. Berlín: Mouton de Gruyter, 2006. p. 199-229.

WIERZBICKA, A. *Cross-cultural pragmatics. The Semantics of Human Interaction*. Berlín: Mouton de Gruyter, 1991.

ZIMMERMANN, K. Anticortesía verbal y constitución de la identidad juvenil. *Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE: La perspectiva no etnocentrista de la cortesía, identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes*. Universidad de Estocolmo: Departamento de español, portugués y estudios latinoamericanos, 2003. p. 47-59.

Recibido: 13/10/2013

Aprovado: 20/11/2013